

Filosofia e comunicação na era dos horizontes virtuais

QUANDO PASSAMOS POR lugares já conhecidos, o mapa destes territórios precede a vivência, ao tomar a forma virtual em nossa mente. Quando olhamos a linha do horizonte não vemos nada além, mas um mapa imaginário pode se formar em nossa mente, indicando a virtualidade de algo que potencialmente existe, mas sem estar atualizado. Assim, dadas as circunstâncias da percepção, é possível afirmar que estamos também numa era de horizontes virtuais. A expressão remete a alguns conceitos, como:

“as verdades são multiplicidades atuais cujo valor dionisiaco é bem mais elevado do que qualquer salvamento fenomenológico do tempo.”¹

Partindo deste ponto de vista, pode ser pertinente propor a relação entre os conceitos de verdade em Nietzsche e os de potência do falso em Deleuze, de acordo com a interpretação de tempo e verdade, desde a perspectiva de Deleuze, proposta por Badiou:

“o tempo é a própria verdade. Enquanto verdade, o tempo não é temporal: ele é virtualidade integral; há indiscernibilidade entre o ser absoluto do passado e a eternidade. De modo que não será exagerado dizer que o classicismo de Deleuze se realiza assim: pensamento segundo uma intuição essencial, e particularmente difícil, a potência temporal do falso é uma só e mesma coisa que a eternidade do verdadeiro. Eternidade cujo modo de ser é o retorno (eterno). Esse enunciado faz uma vez mais de Deleuze um platônico involuntário. Conhecemos a

Francisco E. Menezes Martins

Doutor em Ciências de la Información, Universidad Complutense de Madrid.

Vice-Diretor da FAMECOS/PUCRS

Pesquisador do NTL, Núcleo das Tecnologias do Imaginário, FAMECOS-CNPq

fórmula do mestre: 'o tempo é a imagem móvel da eternidade'. Podemos inicialmente crer que ela condensa tudo o que Deleuze repudia: o tempo sensível, o concreto, reduzido ao estado miserável de cópia de um modelo eterno. Mas se referirmos, como se deve fazer, a imagem ao seu ser próprio de simulacro (e não à mimesis), e a eternidade ao Uno, como virtual integral, compreendemos que também para Deleuze, sobretudo para Deleuze, o tempo tem como essência exprimir o eterno."²

Este tempo, esta multiplicidade em rede são marcas do pensamento de Deleuze. Um de seus maiores legados à filosofia talvez tenha sido a lição de sua particular e original genealogia do pensar de grandes filósofos como Spinoza, Leibniz, Bergson e Nietzsche, entre outros. Podemos acrescentar que esta rede de filósofos separados pelo tempo cronológico encontra e produz sentido com o tempo e através do tempo.

Atribuir ao tempo a condição de afirmar o ser em seu eterno retornar leva a redimensionar propostas filosóficas que numa determinada circunstância cultural e sócio-política, não lograram atingir toda sua amplitude. Neste sentido cabe utilizar a metáfora do filósofo espanhol Julián Marías sobre as interpretações a cerca do pensamento de Ortega y Gasset sobre a vida como realidade radical e como potencialidade vital:

"el pensamiento de Ortega es sistemático, aunque sus escritos no suelen serlo; los he comparado a icebergs, de los cuales emerge la décima parte, de manera que sólo se puede ver su realidad íntegra buceando."³

O mergulho submarino circundando o iceberg proposto por Marías promove a revelação do além da visibilidade e da aparên-

cia. Indica que a apreensão das realidades, circunstâncias da vida, um antigo desejo humano desde antes de Sócrates, está limitada às circunstâncias do conhecimento.

A amizade com a sabedoria já caracterizou a essência do filósofo. Porém, esta amizade se tornou egoísta, possessiva e portadora de um tom distante da vida. O mundo verdadeiro construído a partir de Platão encerrou a vida em suas próprias representações e transformou o amigo da sabedoria em proprietário da sabedoria. Seria, então o momento de pensar se a filosofia, hoje, após tantos séculos vagando como um iceberg, entre a frieza da água e a fria indiferença dos homens, ainda poderia brilhar sem nostalgia, anunciando o retorno dos valores da vida.

Torna-se incerto pensar nas certezas a partir das incertezas, mas se a história teve Descartes e Cervantes, do segundo poderia ser possível herdar a possibilidade de vislumbrar mais do que um horizonte quimérico. Um horizonte virtual dotado de futuridade e negatividade, apreendido, também pelas redes de Rimbaud:

"En los centros alimentaremos la más cinica prostitución. Aplastaremos las lógicas revueltas.

En los países pimentosos y destemplados! - al servicio de las más monstruosas explotaciones industriales o militares.

Hasta más ver aquí, no importa donde. Reclutas voluntarios, tendremos una filosofía feroz; ignorantes en cuanto a ciencia, molidos por lo confortable, y que revienten los demás. Ésta es la verdadera marcha. Al frente, marchen!"⁴

É só sarcasmo e descrédito o que Rimbaud traduz nesta espécie de profecia para o final do século XX, em um aforismo chama-

do *Democracia*. Uma vez que o pensamento se reduz à circunstância do confortável, dever-se-ia pensar na necessidade desta filosofia banal, que Rimbaud chamou de filosofia feroz, ser colocada em seu devido lugar. Nunca mais como substituta da filosofia da vida, porque a vida não é banal, mas suas virulentas imagens no *fazer-ver* da comunicação (Baudrillard), podem causar um grave mal-entendido em gerações imersas na crescente virtualização operacional da vida.

Neste sentido, a filosofia deveria buscar, em sua relação com a comunicação, portas que levem a uma aproximação filosófica do homem em sua atual atmosfera: a sociedade da informação da era do virtual.

“Com a aceleração não há mais o aqui e ali, somente a confusão mental do próximo e do distante, do presente e do futuro, do real e do irreal, mixagem da história, das histórias e das utopias alucinante das técnicas de comunicação, usurpação informacional que durante muito tempo avançará mascarada pelas ilusões dessas ideologias de progresso, purificadas de todo julgamento, sobre as quais Merleau-Ponty se perguntava ao fim de sua vida: ‘as mesmas palavras, idéia, liberdade, saber, não tendo aqui e ali o mesmo sentido devido à falta de testemunha única que as reduza ao mesmo denominador, como veríamos se desenvolver através das filosofias uma única filosofia?’”⁵

Paul Virilio utiliza seu habitual estilo de militarizar a comunicação com sua teoria do golpe de estado informacional para descrever a mixagem dos sentidos da filosofia, que por sua vez não guarda referência com outro *hic et nunc*, como pensava Merleau-Ponty. Porém, reforça a idéia da rede de filósofos como método, na medida em que atribui à multiplicidade de cenários ou platôs (Deleuze) o motor para gerar uma

nova filosofia, uma filosofia em rede, uma filosofia da multiplicidade, onde o território ganha destaque, não em detrimento do tempo, mas para a formação de um pensamento intertextual e hipertextual numa circunstância comunicacional, em um mundo que pode estar em alternado estado de expansão e contração a informação nas redes e contração do mundo enquanto espaço e tempo.

Que a filosofia deveria escapar da tentação do uno para manter-se junto aos homens, já era tema de alguns aforismos de Nietzsche, em seu *O livro do filósofo*, onde aparecem atributos dos filósofos e de uma filosofia do futuro:

“115 - É necessário trazer os pretensos raciocínios inconscientes à memória que conserva tudo, que oferece experiência de um modo paralelo e assim conhece já o que segue a uma ação. Não é uma antecipação de um efeito, mas o sentimento: mesmas causas, mesmos efeitos, produzido por uma imagem da memória.

116 - Os raciocínios inconscientes provocam a minha reflexão: será provavelmente esta passagem de imagem em imagem; a última imagem atingida opera então como excitação e motivo. O pensamento inconsciente deve-se cumprir sem conceitos: logo por meio de intuições. Mas este é o método do raciocínio do filósofo contemplativo e do artista. Ele faz a mesma coisa que cada um faz nas impulsões fisiológicas pessoais, transpôr para um mundo impessoal. Este pensamento por imagens não é a priori de natureza estritamente lógica, mas de qualquer modo mais ou menos lógica. O filósofo esforça-se então em substituir os pensamentos por imagens, por um pensamento por conceitos. Os instintos parecem ser também um tal pensamento por imagens que, em última instância se transforma

em excitação e em motivo.

118 - O filósofo apanhado nas teias da linguagem.

119 - O tempo em si é um absurdo: só existe tempo para um ser que sente. E o mesmo acontece com o espaço. Toda a forma pertence ao sujeito. É a apreensão da superfície através do espelho. Devemos abstrair todas as qualidades. Não podemos ter a representação das coisas como elas são, pois justamente não as devíamos pensar. Tudo permanece como é: todas as qualidades traem um estado de coisas indefinível, absoluto.

123 - Todo o conhecer é um refletir em formas perfeitamente determinadas que não existem a priori. A natureza não conhece nenhuma forma, nenhuma grandeza, mas só para aquele que conhece é que as coisas se apresentam com esta grandeza ou aquela pequenez. O infinito na natureza: ela não tem nenhum limite, em parte alguma. Só para nós existe o finito. O tempo divisível ao infinito.”⁶

Ressaltando as particularidades dos territórios e as zonas homogêneas do *cyberspace*, a filosofia virtual (Deleuze), em um contexto de percepção da circulação das estratégias virtuais (Baudrillard) indicam que não há *outro* no virtual, apenas o mesmo. Não há estranhamento porque tudo é utilitário. A técnica é útil e facilita a vida. Não perder tempo, não sair de casa, não ter motivo para dizer não. Enfim, do excesso de positividade, viver embriagados pelo lúdico da esfera midiática, só pode levar à afirmação do pré-estabelecido pelo *devoir-software*. Eu sou o que eu me tornei, mas eu me tornei o que eu sou e este pode ser um dos problemas porque eu me aceito como sou e, por inércia, eu gosto do que existe porque o que existe é o que eu conheço. Se poderia seguir nesta rede, mas seria mais amigável em relação

ao saber, lançar outra rede: a rede dos filósofos selecionados por um filósofo e transmitida a outros homens que buscam uma vivência filosófica como bálsamo para a banalidade do narcisismo da era do virtual. Além da era do virtual, restarão os horizontes virtuais como vestígios da história.

Bibliografia

- 1 BADIOU, A; *Deleuze, o clamor do ser*, Rio de Janeiro, JZE, 1997, p. 75
- 2 BADIOU, A; *op.cit.*, p.76
- 3 MARIAS, J., in ORTEGA y GASSET, J; *La rebelión de las masas*, Madrid, Espasa Calpe, 1993, p. 12.
- 4 RIMBAUD, A; *Prosas e iluminaciones*, Barcelona, Ediciones 29, 1992, p.113.
- 5 VIRILIO, P; *A arte do motor*, São Paulo, Estação Liberdade, 1996, p. 39.
- 6 NIETZSCHE, F-W; *O livro do filósofo*, Porto (Portugal), Ed. Rés. 1995, pp. 60, 62 e 63.